

O lugar da Fotoetnografia nas aulas de Jornalismo, segundo Luiz Achutti

SILVA, Lawrenberg Advíncula da

Mestre no programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, ECCO/UFMT. Professor Assistente do curso de Jornalismo de Alto Araguaia-MT e editor da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade – RCCS. Diretor Administrativo da Rede Folkcom e secretário da Associação dos docentes da Unemat, Adunemat, Subseção Alto Araguaia. E-mail: lawrenberg@unemat.br

PINHEIRO, Thatilla

Graduando do curso de Jornalismo da Unemat.

ESPOSITO, Monique

Graduado do curso de Jornalismo da Unemat.

TRINDADE, Rogério

Graduando do curso de Jornalismo da Unemat.

Apresentação

Ao propor a fotoetnografia para a sala de aula de Jornalismo, o presente ensaio sugere que o uso didático da experiência visual na área de Ciências Sociais Aplicadas (e especificamente em Comunicação) pode ser também uma forma de intervenção social e política. Sobretudo, em contextos geográficos de urbanização no Brasil onde as precariedades física e institucional sempre prevaleceram enquanto estéticas da negação. Trata-se de uma atividade interdisciplinar de observação, prática imersiva e pesquisa experimental que, além de aliar conhecimentos da Etnografia urbana e da Fotografia Jornalística, evidencia a necessidade de exercitar o olhar do aluno e do profissional jornalista, que apuram e leem os fatos, para além da mera descrição do que acontece – e do acontecido. Para isso, utiliza-se como referência a pesquisa do professor Luiz Achutti (1997; 2004), cujos temas tratam sobre a antropologia visual no cotidiano.

O professor Luiz Eduardo Robinson Achutti é fotógrafo e graduado em Ciências Sociais em 1985, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Trabalha como fotógrafo desde 1975, atuando nos jornais Jornal do Brasil e da revista Isto é, em Porto Alegre. Mas só em 1994 que ingressa no Departamento de Artes Visuais, pelo Instituto de Artes da UFRGS, da qual publicaria as obras “Fotoetnografia: um Estudo de

Antropologia Visual sobre o Cotidiano, Lixo e Trabalho, pela editora Palmarinca de Porto Alegre, 1997.

Evidentemente que as referências em fotoetnografia não se esgotam no trabalho do professor, tanto do ponto de vista histórico, quando relembramos os trabalhos da professora Margareth Mead e Gregory Bateson, nas décadas de 1930 e 1940, quanto do ponto de vista da amplitude, se considerarmos toda a coletânea do fotógrafo Sebastião Salgado. Por outro lado, ao trazer rememorar Achutti, debate-se para questões mais relacionadas a relação entre fotoetnografia, cotidiano e lumpémproletariado. Curiosidade ou não, no mesmo Rio Grande do Sul de Achutti há uma pesquisa avançada em Jornalismo Popular, a cargo da jornalista Márcia Franz Amaral, cujos resultados tem gerado uma nova postura aos jornalistas sobre pautas interessadas, por exemplo, a catadores de material reciclado.

Vale frisar que no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, cidade de 17 mil habitantes e situada no interior de Mato Grosso, o uso da fotoetnografia para debater pautas ignoradas pela imprensa tradicional vem sendo desenvolvida desde 2011, com trabalhos em iniciação científica que ao longo dos 8 anos tiveram prêmios regionais e nacionais nos congressos da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação). Dentre eles, merece registro: 1) o projeto Anônimos do Araguaia, do egresso Ronaldo Divino Borges, que faturou dois prêmios nacionais (2013, 2014) e quatro regionais (2013, 2014, 2015 e 2016) nas categorias Fotografia Artística, Ensaio Fotográfico Artístico; e a fotonovela Dia de Aterro: bastidores da reportagem, dos estudantes Leticia Pina, Igor Perez e Marcos Augusto, que faturou o prêmio regional e o nacional de melhor fotonovela, em 2016.

A partir do exposto, o presente ensaio, intitulado Campos de Esperança, teve seu início em 2016 e foi finalizado em junho de 2017. Ao todo, foram realizadas 80 fotografias, em 4 visitas de incursão, entre os meses de novembro e dezembro de 2016, e março e maio de 2017. Participaram três estudantes, na época matriculados na disciplina de Antropologia e Comunicação, do curso de Jornalismo do campus da Unemat de Alto Araguaia. Monique Esposito, Thatilla Pinheiro e Rogério Trindad. E para o presente ensaio para a revista Comunicação, Cultura e Sociedade, foram selecionadas 4 fotografias, tendo por perspectiva a interação entre estudantes, moradores e a precariedade (social, política) do local.

Nas duas primeiras fotografias selecionadas, que foram realizadas pela estudante de Jornalismo do terceiro semestre, Thatilla Pinheiro, registra-se a integração espontânea entre estudantes e moradores num campo de várzea do bairro Bela Vista, região periférica da cidade de Santa Rita do Araguaia, Goiás. Tal integração espontânea permitiu entrevistas mais longas, o reconhecimento de situações cotidianas nem sempre detectadas pelos agentes de saúde e do Conselho Tutelar do município, além da percepção moral que o lugar do fotógrafo pode ser também enquanto participante do próprio fato registrado. De acordo com Achutti (1997, p.64),

o domínio técnico aliado ao olhar treinado do antropólogo pode levar à construção de um trabalho fotoetnográfico que venha a ser relevante, não só como mais uma das técnicas de pesquisa de campo, mas também como uma outra forma narrativa, que somada ao texto etnográfico, venha enriquecer e dar mais profundidade à difusão dos resultados obtidos.”



Interação de um dos estudantes com os moradores no único playground daquela região. A inserção se deu após de 45 minutos de envolvimento de um dos entrevistados com as crianças ali presentes.

2



Na terceira fotografia, só que registrada pela estudante Monique Esposito, nota-se que a figura do pesquisador-fotografo estabelece uma distância necessária com o entrevistado e a realidade observada para registrar reações mais naturais. No caso, o registro é da interação entre os moradores quando jogavam bola. Em certa medida, a câmera do fotoetnografo desaparece aos olhos dos moradores, o que, segundo Achutti (1998), deve-se ao nível de aproximação do etnógrafo para a realidade estudada.



3

Nas quartas e quintas fotografias, denominadas de parte final, e que foram capturadas pelo estudante Rogério Trindade, a intenção era destacar as condições socioeconômicas nas quais aqueles moradores vivenciavam. Trata-se de uma crítica social, a partir da capacidade da fotografia de amalgamar os mais distintos elementos de uma cena cotidiana e dela produzir memórias coletivas. Uma perspectiva já

trabalhada em projetos anteriores de iniciação científica, através da releitura de Boris Kossoy Tal ênfase, justifica uma das finalidades do ensaio: o de refletir sobre o papel social e político da fotoetnografia. Isto é: o poder da fotoetnografia enquanto denuncia social. A finalidade do material fotoetnográfico deve estar clara para o fotoetnógrafo (estudante, professor ou orientador). Isto, pois, do contrário, segundo Achutti (2004, p.3-4), o resultado do trabalho sofrerá da falta de planificação, assim que “uma narrativa visual utilizar a fotografia deve ser fruto de um longo processo de construção, a construção de uma descrição visual. As fotografias no resultado final devem formar um todo.”

4



5



Considerações

Se por um lado as contribuições de Achutti revelaram-se precípuas para identificar o lugar político do estudante de jornalismo numa imersão fotoetnográfica, na medida que sua atuação, direto ou indiretamente, tende a interferir na relação entre os atores sociais de determinada realidade da qual ele pretende registrar, narrar, descrever, noticiar; por outro, elas servem para refletir sobre questões éticas no que tange o papel do fotógrafo diante dos fatos, dos quais sempre afetaram e ainda afetam o profissional e o universo acadêmico. A exemplo disso: a história do fotorreporter sul-africano Kevin Cartner. Cartner que ganhou notoriedade ao fotografar uma criança sudanesa e subnutrida diante de um urubu faminto. Fotografia publicada no The New York Times, e que, inclusive, rendeu o premio Pullitzer ao fotografo, apesar de meses depois, o mesmo cometer suicídio.

Em se tratando do ensino de Jornalismo no Brasil, o recorte pode ser um primeiro-passo para se trabalhar a fotoetnografia como uma atividade transversal às disciplinas de tronco comum e no caso das específicas, desdobrar numa exigência maior de reflexividade conceitual sobre os procedimentos e os verdadeiros impactos que determinadas decisões do fotografo podem gerar.

Referência

ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia: um Estudo de Antropologia Visual sobre o Cotidiano, Lixo e Trabalho**. Porto Alegre: Palmarinca, 1997

_____. **Fotos e Palavras, do Campo aos Livros in Portal da Fotoetnografia do Grupo de Pesquisa Fotografia e Fotoetnografia: Arte e Antropologia**. 2004, Disponível em: http://www6.ufrgs.br/fotoetnografia/textos/texto_achutti.pdf , Acesso em: 19 Março 2007.

